

## **Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na Educação Musical**

**Marisa Trench de Oliveira Fonterrada**

Instituto de Artes – UNESP

[marisatrench@uol.com.br](mailto:marisatrench@uol.com.br)

**Resumo:** Trata o presente artigo da situação da música na contemporaneidade e de suas possibilidades na escola, levando em conta seu reconhecimento como linguagem, seu papel no forjar cidadãos conscientes, sensíveis e autônomos e a importância de se criar currículos em que se leve em consideração a diversidade cultural e os direitos de aprendizagem. Como argumento para adoção dessa linha de pensamento, mostra-se que em cada momento histórico a música correspondeu às necessidades da sociedade em que se achava inserida. Espera-se que professores e alunos possam se conscientizar da importância do fazer musical, coletivo, gerado no e gerido pelo grupo, na conquista da compreensão da música como arte.

**Palavras chave:** Contemporaneidade; Diversidade Cultural; Fazer Artístico.

## **Human diversity, social responsibility and curricula: interactions in Music Education**

**Abstract:** this article presents the situation of Music in contemporary world and its possibilities in the school, when it is understood as a language, in its role of creating conscious, sensible and autonomous citizens, as well as its importance in creating curriculums in which cultural diversity and the students' rights of learning are considered. As an argument to adopt this thought, it is showed that in each historical moment, Music has corresponded to the necessities of the society in which it was inserted. It is hoped that teachers and students can be conscious of the importance of making Music collectively, as well as its being created and administered in and by the group, in order to gain comprehension of Music as Art.

**Keywords:** Contemporaneity; Cultural Diversity; Making Art.

## **Diversidad humana, responsabilidad social y currículos: Interacciones en la Educación Musical**

**Resumo:** El presente artículo expone la situación de la música en la contemporaneidad y sus posibilidades en la escuela, reconociéndola como un lenguaje, su rol en la formación de ciudadanos conscientes, sensibles y autónomos, así como la importancia de crear currículos que tengan en cuenta la diversidad cultural y los derechos de aprendizaje de los estudiantes. Como argumento para la adopción de esta línea de pensamiento, se muestra que en cada momento histórico la música dio respuestas a necesidades de la sociedad. Se espera que maestros y estudiantes puedan tener consciencia de la importancia del quehacer artístico colectivo, generado en y administrado por el grupo, en la conquista de la comprensión de la música como arte.

**Palabras clave:** Contemporaneidad; Diversidad Cultural; Hacer Artístico.

Antes de conversar acerca das interações da Educação Musical com questões da atualidade, como diversidade humana, responsabilidade social e currículo, julga-se necessário refletir a respeito da presença da Música na escola, tanto no que se refere ao

seu espaço geográfico e à relação com o conjunto de componentes disciplinares, como com a própria instituição, professores, alunos e demais servidores. Ademais, é necessário definir suas possibilidades, seu papel e sua importância no contexto da escola, do ciclo, da classe, do conjunto de anos escolares, dos corpos docente e discente, de outros membros da comunidade escolar, dos familiares e da comunidade do bairro onde a escola está instalada. E procurar estabelecer como cada escola irá interagir com as propostas de trabalho surgidas no seu interior pela ação de professores de Arte, de modo a oferecer as condições mínimas para que elas se concretizem. É evidente que o relacionamento entre a proposta, os professores, os alunos e a direção da escola é muito importante, pois as propostas precisam ser pensadas como integradoras e envolventes, para dialogarem com outros componentes curriculares e se tornarem significativas para a comunidade escolar. Assim, é necessário perguntar:

Qual é a importância da Música para o ser humano? E para a sociedade? Como a Música é vista pela escola, pelos gestores, professores, alunos e familiares? Qual é sua importância na vida de cada um, no conjunto da sociedade e, em especial, na escola?

Durante um importante evento realizado em 2011, na Áustria – o Fórum Global de Salzburg –, um grupo de educadores musicais debateu o tema “O poder transformativo da música”. Nesse debate, foi redigido um Manifesto, em que os educadores musicais presentes afirmaram ser a música “considerada porta de entrada para a promoção da cidadania, do desenvolvimento pessoal e do bem-estar”. (Salzburg, Manifesto do Encontro sobre o poder transformativo da música. Seminário Global, 2011). A partir dessa posição, pode-se refletir acerca do papel da música na escola como promotora da cidadania e do bem-estar. Entende-se ser importante estender essa meta com vistas ao desenvolvimento coletivo, indo além da perspectiva individual de formação do cidadão, defendida no documento. Essa discussão é importante, pois a função da música e de outras linguagens artísticas, parece ter sido esquecida, tornando-se comum considerá-las diversão e passatempo.

Para aprofundar essa discussão, é útil examinar seu papel em diferentes momentos da civilização humana para redescobrir e reafirmar como se apresenta na atualidade. A música sempre fez parte da vida das comunidades, desde tempos imemoriais. Pesquisas arqueológicas mostram não apenas representações pré-históricas de pessoas tocando, dançando ou batendo pés e mãos, como traz ao mundo, descobertos em escavações, instrumentos muito antigos, feitos de ossos de animais ou lascas de madeira, pedra ou metal, como raspadores, tambores e flautas, o que atesta a presença

de alguma forma de música em culturas muito antigas, ao menos a partir do neolítico (MICHELS, Ulrich. 1996, p. 158-9). Nas sociedades orais, tanto antigas quanto atuais, a música faz parte da vida, e está presente em eventos importantes para toda a comunidade: nos nascimentos, nas mortes, nas preces para uma boa colheita, na incitação à guerra, nas celebrações de paz.

Murray Schafer, educador e compositor canadense, em um de seus textos (Schafer, 2002, Fonterrada, 2005), pergunta: “Qual é o propósito da Arte?” E ele mesmo responde:

Este deve ser o primeiro propósito da Arte. Promover mudanças em nossas condições existenciais. Este é o primeiro propósito. Modificar-nos. É um objetivo nobre, divino. E existe desde muito tempo atrás, antes que a palavra “Arte” fosse cunhada para descrever o último tremor transformativo acessível ao homem civilizado (SCHAFER, M., 2002, p. 83).

E prossegue, falando poeticamente de como imagina que se daria esse frêmito, em um tempo anterior à existência da palavra arte, para, então, concluir:

Então, a arte revelava divindades nos seres humanos, divindades nos animais, divindades nas árvores, nas montanhas, no sol e no céu, no mar, na lua e nas estrelas. Então, não havia arte. Havia milagres. Então, não havia música. Havia tons mágicos. Então, não havia artistas. Havia sacerdotes e mágicos. Então, a natureza era uma contínua e envolvente hierofania. E o homem dançava e cantava no coração de tudo isso (Idem, p. 83-4).

Nessa fala, o autor aponta para a necessidade de o homem contemporâneo reencontrar sua identidade com a arte, que foi se distanciando da vida, à medida que a civilização e o desenvolvimento científico, gradativamente, ditaram a supremacia da razão em relação aos sentimentos, às sensações, às percepções, à integração com a natureza. Não se trata de negar a ciência, mas de incluir, na visão de mundo atual, outros aspectos que não os essencialmente racionais.

Além dessa época, em que a música carregava em si esse sentido mágico, comum, de identificação homem/natureza/tons mágicos, ressalte-se, que, no transcorrer do tempo, de maneira dinâmica, a cada momento, representou as necessidades da sociedade, assumindo o papel a ela atribuído pela comunidade em que estava inserida.

Traz-se, portanto, à discussão, ainda que sumariamente, alguns valores que pontuaram a música e a cultura em diferentes momentos da história, assinalando sua forte influência na formação sociocultural das sociedades. Ao adotar este tipo de procedimento, não se perde de vista que as generalizações tendem a ser imprecisas, por

não considerarem peculiaridades e desvios de rota. Por essa razão, entenda-se esta decisão de colocar a história da humanidade e sua relação com a música em duas páginas de texto, tão somente como uma maneira de mostrar que a música caminha *pari passu* com a sociedade e reflete, não apenas seus gostos, valores, concepções e competências como, também, sua subjetividade, seus sentimentos e emoções, que não se descolam da atividade humana, tenha-se ou não consciência disso.

Na Antiguidade grega, a música tinha poder transformativo; por essa razão, era considerada importante como modeladora do caráter de crianças e jovens, na formação do bom cidadão. Na Idade Média, a música passou a ter grande importância na Igreja, com a função de elevar o homem a Deus. Na Renascença, acompanhou a grande transformação que colocou o homem no centro do universo substituindo a teocracia pelo humanismo. A música dessa época revela em si mesma, em sua construção, esse desejo do homem pela medida e proporção. O modo de ouvir também mudou, abrindo espaço para a verticalidade, em que consonâncias e dissonâncias antecipavam a conquista da harmonia, que só se firmaria como conhecimento teórico, um século mais tarde.

Nos períodos barroco e clássico manifesta-se mais claramente do que até então, a aproximação entre música e ciência. As teorias científicas dão respaldo às novas concepções de música e ao chamado *nuovo estilo*, que fixa os conceitos da harmonia. São características da época clássica a busca de regularidade e a observação objetiva, além do amplo desenvolvimento formal, que, pouco mais tarde, deu origem à sonata e sinfonia. Deu-se, também, o aperfeiçoamento da escrita musical e da performance, que exige cada vez mais superação técnica por parte do instrumentista. Ressaltem-se, também, os notáveis avanços tecnológicos, que permitiram a construção de instrumentos de qualidade e em maior escala do que, anteriormente, teria sido possível.

Durante o período romântico, o interesse pelo homem genérico desloca-se para o indivíduo, trazendo para o primeiro plano, curiosidade e questionamentos acerca da natureza do homem, de suas emoções, imaginação e sonhos. Para o pensamento romântico, tudo é imenso, desmesurado, transbordante e a música reflete essas características. É também, a época dos grandes intérpretes, dos grandes compositores, dos grandes conjuntos orquestrais, da ópera, do cultivo do talento, dos “dons” especiais, do gênio. Esses valores ainda se mostram hoje, nas concepções do senso comum, cada vez que se considera a música como exclusividade de pessoas talentosas, superdotadas ou agraciadas por um “dom”. Ao lado dessas características, há, também, a influência

da Revolução Industrial, das grandes invenções, da urbanização, do êxodo rural, da construção de grandes teatros, que contribuem para a expansão da música, das grandes produções e o desenvolvimento da crítica especializada. Nesse contexto, a música precisa ser de fácil acesso, para que atraia grandes públicos para os eventos culturais.

A entrada no século XX modifica radicalmente esse estado de coisas. É o século das guerras mundiais, das máquinas, dos armamentos. O individualismo romântico cede espaço à noção de coletividade. Época das grandes transformações sociais e da inauguração da “era das massas”. Na sociedade industrial, os ruídos se intensificam e são absorvidos pela música, que passa a considerá-los sons musicais, fazendo desaparecer a fronteira entre som e ruído. É a época de extremo racionalismo; as novas tecnologias geram possibilidades até então insuspeitadas. Iniciam-se experimentos com fita magnética (Pierre Schaeffer, 1948) e geradores de som (Stockhausen, 1954), dando origem, respectivamente, à música concreta e à música eletrônica (APPEL. W., 1975, p.560-1 – *Musique concrète*; p. 285-6 *Eletronic Music*).

Ao lado dessas tendências, outras surgem, contrariando-as. O americano John Cage explora o inconsciente, o acaso, o jogo, enfatizando o caráter aleatório da música, o afastamento da cultura ocidental e a aproximação com o Oriente (APPEL. W, 1975, p. 26-7 – *Aleatory music*). Ao se afastar da ciência tradicional, a música aproxima-se das novas tendências científicas surgidas no século XX – as teorias da relatividade, da complexidade e sistêmica – bem como da Filosofia, da Psicologia, da Ecologia e dos Estudos da Linguagem.

Essas correntes deram origem às múltiplas propostas estéticas e vertentes da música contemporânea. A cultura de massa provocou radical transformação no gosto da população, que passa a usufruir de inovações tecnológicas até então insuspeitadas. Na atualidade, o traço prevalente é a diversidade; na música, se convive com uma profusão enorme de estilos, tendências, técnicas, tecnologias, visões de mundo, competências, que atuam simultânea ou sucessivamente. A diversidade de valores e culturas traz a diversidade da atuação em arte e, portanto, em música.

Essa diversidade também se apresenta na escola, aonde é preciso conviver com a diferença, que precisa ser problematizada e submetida a diálogos, para que não haja imposições de um ou outro ponto de vista. É preciso aceitar e utilizar as diferenças em prol da construção de um clima de aceitação e convivência, em que preferências e estilos sejam tratados com respeito e naturalidade. Essa atitude contribuirá para o amadurecimento dos alunos e para a afirmação da prática docente. É preciso ficar claro

para toda a comunidade escolar que as diferenças são um fator de enriquecimento, e não terreno propício à prática da intolerância ou o enrijecimento de opiniões, que tendem a sectarismos.

Outro ponto a destacar é o reconhecimento da presença da diferença nos diversos extratos sociais revelados no conjunto de pessoas que formam a comunidade escolar, isto é, gestores, professores, funcionários, alunos e familiares. A localização do bairro em que está situada a escola também faz parte da diversidade que a compõe, muito embora, nem sempre a instituição educacional se dê conta disso. No entanto, é fundamental que a cultura presente na comunidade em torno da escola seja considerada. Para muitos alunos, a única expressão artística que conhece é a que está cristalizada na família, ou no bairro em que vive. À escola cumpre o papel de acolhê-lo e ampliar sua experiência.

Hoje, a tendência maior encontrada na expressão do senso comum é ver a Música como entretenimento. Não que ela não contenha em si essa possibilidade, mas isso é pouco para sua potencialidade – a de agente de transformação. E em que consiste essa transformação? Em proporcionar a quem exerce essas ações integradas entre homem, comunidade e meio ambiente, por meio da música, a oportunidade de transcender o modelo racional de aproximação com o mundo, trazendo a sensibilidade e as sensações ao mesmo patamar da razão.

É da segunda metade do século XX o surgimento da preocupação ecológica na produção musical – isto é, a conscientização acerca da relação homem/meio ambiente e, especificamente, no caso da música, entre homem e ambiente sonoro. Essa postura, de considerar a música como parte integrante do ambiente levou a estudos da relação entre homem/sociedade/meio ambiente que, por sua vez, fizeram surgir uma maneira específica de compor, a partir das características acústicas do ambiente, como, também, a outras maneiras de atuação, de caráter sobremaneira instigador, no campo da educação musical, com possibilidades profundamente transformadoras. A proposta de Murray Schafer, a partir dos anos 1960, caminha nessa direção e encontra eco em muitas outras, posteriores (SCHAFER, M. 1991).

Na atualidade, mostra-se urgente que a Música seja vista como área de conhecimento e linguagem, o que, além de validar a afirmação de ser ela inerente ao ser humano, também, reconhece haver sólida base de conhecimento, capaz de lhe dar sustentação. Ao considerar a Música como linguagem, se está adotando a compreensão de que é uma forma de conhecimento e, portanto, de que o acesso a ela é um Direito do

todos. Por ser um Direito, as maneiras de garanti-lo precisam estar claramente colocadas no seio da escola.

Estas considerações poderiam terminar aqui, não fosse a necessidade de examinar a situação da Música em grande parte das escolas brasileiras, em virtude das próprias circunstâncias que moldaram a maneira como comparece na educação básica: Na maior parte delas,

- a Música não é autônoma, mas faz parte do componente Arte, junto a outras linguagens expressivas: Artes Visuais, Dança e Teatro;

- não há, em seu Quadro de professores, especialistas nas 4 linguagens, o que faz que o professor de Arte, com uma das habilitações previstas em Lei, seja encarregado de ministrar as quatro. Embora o modelo contido na Lei no. 5692/71 – que trouxe a polivalência – tenha, na aparência, sido ultrapassado com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no. 9394/96, na prática pouca coisa mudou, a não ser o discurso. O professor de Arte, na atualidade, sente-se solitário na sua tarefa de cumprir o estabelecido para a disciplina, e obrigado a ser polivalente.

- a terceira questão a ser enfrentada pelo professor de Arte e pela escola, no que se refere especificamente à Música, é que são poucos os professores que, em suas vidas, tiveram oportunidade de fazer música, ainda que de maneira informal. A maior parte deles, por não ter vivido experiências nessa linguagem, mostra-se insegura para conduzir aulas de Música.

Diante da situação hoje vivida, talvez, a única maneira de dar sentido à Música na escola e vencer todos os percalços que se apresentam, seja por meio das práticas criativas. Desse modo, sendo ou não especialista, sugere-se ao professor que exercite a própria criatividade a serviço da Música, mesmo que, de início, isso se mostre difícil. A experiência nos conta que, quanto maior for a competência de alunos e professores no exercício da criatividade, maior será o benefício alcançado, não só pela classe, quanto por cada um, individualmente. É durante o trabalho com procedimentos criativos que alunos e professores têm oportunidade de dialogar, para resolver questões organizacionais, ou especificamente musicais, individuais ou coletivas. Há várias competências possíveis de serem trabalhadas no processo; as relações dos sujeitos com a música, consigo mesmo e com o som do ambiente apresentam problemáticas diversas que necessitam cuidados especiais. À medida que professores e alunos se conscientizam da problemática dessas relações, conseguem engendrar ações para superá-la. Espera-se que, nesse momento em que é necessário fortalecer a Música e seu papel na educação

básica, que professores e alunos tomem consciência da importância do fazer artístico, coletivo, gerado no e gerido pelo grupo, na conquista dessa dimensão tão importante e, ao mesmo tempo, muitas vezes, tão pouco cuidada: a compreensão da música como arte.

## Referências

BRASIL. Lei no. 5692/71.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no. 9394/96.

\_\_\_\_\_. Lei no. 11.769/08.

\_\_\_\_\_. Lei no. 13.278/16.

DICTIONARY Harvard of Music. Apel, W (coord.). Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1972.

FONTEERRADA, M. T. O. *O lobo no labirinto* – uma incursão à obra de Murray Schafer. S. Paulo: Editora da UNESP, 2005.

MICHELS, Ulrich. *Atlas de Música I*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

Salzburg. *Manifesto do Encontro sobre o poder transformativo da música*. Seminário Global, 2011. <http://www.salzburgglobal.org/home.html>.

SCHAFFER, M. *O ouvido pensante*. S. Paulo: Editora da UNESP, 1991/2008.

SCHAEFFER, P. *Étude au Chemin de Fer*. Paris, 1948.

<https://www.youtube.com/watch?v=N9pOq8u6-bA>

(\_\_\_\_). *Patria: the complete circle*. Toronto: Coach House Books, 2002.